ESCOLA SUPERIOR BATISTA DO AMAZONAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

VALÉRIA FABRÍCIO FLORÊNCIO

A Romantização do Índio na Obra “O Guarani” de José de Alencar

Manaus
2022

ESBAM
ESCOLA SUPERIOR BATISTA DO AMAZONAS

VALÉRIA FABRÍCIO FLORÊNCIO

A Romantização do Índio na Obra "O Guarani" de José de Alencar

Projeto de Pesquisa elaborado pela Acadêmica Valéria Fabrício Florêncio como exigência do Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa ministrado na Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a orientação do Professor Dr. Jefferson Gil.

Manaus/AM
2022

VALÉRIA FABRÍCIO FLORÊNCIO

A ROMANTIZAÇÃO DO ÍNDIO NA OBRA “O GUARANI” DE JOSÉ DE ALENCAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa. Escola Superior Batista do Amazonas.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Jefferson Gil da Rocha Silva
(Orientador – Escola Superior Batista do Amazonas)

_____

Prof.ª. Ma. Aila Rodrigues Pantoja
(Avaliadora – Universidade Federal do Amazonas)

_____

Prof.ª. Ma. Darlisângela Maria Monteiro
(Avaliadora – Escola Superior Batista do Amazonas)

“É que o prazer e o sofrimento não passam de um contraste; em luta perpétua e contínua, eles se acrisolam um no outro e se depuram: não há homem verdadeiramente feliz senão aquele que já conheceu a desgraça.”

José de Alencar

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me ajudado até aqui, por sempre ter me dado forças quando eu achei que não conseguiria. Em especial, a minha terapeuta Mônica Martins que foi fundamental nesse processo de autoconhecimento desde o ano de 2020.

A toda minha família que sempre torceu por mim, em especial minhas tias Alice e Maria Fabrício. Foi por todas elas que consegui chegar até aqui.

As minhas amigas Nadja Vanessa, Socorro Araújo, Nancy Eleonora, Sônia Silva, Dulcilene Moura e Valdeci, pois sempre me ajudaram, estiveram comigo nos bons e maus momentos durante o curso até essa reta final.

A minha professora Margareth pela ajuda na tradução do resumo da monografia para a língua inglesa.

Ao meu professor orientador Jefferson Gil pela dedicação e paciência dedicada a esta monografia e por tudo que aprendi durante esses anos em suas aulas.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever as características do índio apresentadas na obra “O Guarani” de José de Alencar. Para estudar este tema será abordada a escola literária denominada Romantismo, que surgiu no século XVIII na Europa. Os objetivos específicos desta pesquisa são definir as características do Romantismo presentes na obra “O Guarani”, identificar e analisar as características dos índios da referida obra de forma crítica. A produção de José de Alencar relata a história do índio Peri. Este indígena tem qualidades de homem civilizado, inclusive ele fala o mesmo idioma do ‘homem branco”, o português. Peri abandona a sua tribo e converte-se ao Cristianismo com o objetivo de viver um grande amor com uma mulher branca – Ceci. Para a realização desta pesquisa, foi feita uma abordagem bibliográfica, qualitativa com base em alguns teóricos pesquisadores deste tema. Alguns dos teóricos que auxiliaram na pesquisa foram Bosi (1994), Candido (2009), Coutinho (1997), Freyre (2006), Krenak (2019), entre outros. Esta pesquisa possibilitou a conclusão de que a obra do autor José de Alencar apenas idealizou um índio romantizado sem levar em consideração as verdadeiras discussões sobre a identidade dos povos indígenas e seu papel romantizado. Esta abordagem ocultou problemas sociais que atualmente sentimos o reflexo, com o não reconhecimento do índio como um ser dotado de direitos e personalidades.

Palavras-chave: índio, Romantismo, O Guarani

ABSTRACT

This monogram has the aim to the describe the characteristics of the Indian presented in the book called “O Guarani” written by José de Alencar. The studies of this theme will show the literary dominant in the Romanticism, wich appeared in the 18 Century in Europe. “O Guarani” analyses the characteristics of the Indians mentioned in the book. The author relates the history of the Indian Peri. It is a civilized man who speaks portuguese as the white man. Peri leaves the tribe to become a Christian, he has the goal to be with the white woman who he loves called Ceci. This research was done through a biography, Bosi (1994), Candido (2009), Coutinho (1997), Freyre (2006), Krenak (2019), among others. This research came to a conclusion that José de Alencar only uses the Indian as a romantic to come to the conclusion that the Indian people and the role of the Romanticism. This research also didn´t show social problems as the feeling and reflection unkown as a human been gifted of personalities and rights of a human been.

Key-words: Indian, Romanticism, O Guarani

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....9
2. REVISÃO DE LITERATURA.....10
3. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANTISMO.....15
3.1. Romantismo no Brasil.....17
3.1.1. Geração Nacionalista.....18
3.1.2. Geração Ultrarromântica ou Byroniana.....20
3.1.3. Geração Condoreira.....21
3.2. Prosa Romântica.....22
3.2.1. Indianismo.....23
3.2.2. Histórica.....25
3.2.3. Urbana.....26
3.2.4. Regionalista.....27
4. ENREDO DA OBRA O GUARANI.....27
5. A RELAÇÃO ENTRE O ROMANTISMO E A OBRA O GUARANI.....29
6. CARACTERÍSTICAS DO ÍNDIO PERI NA OBRA O GUARANI.....30
7. O ESTEREÓTIPO DA MULHER ISABEL - UMA VISÃO CRÍTICA DA OBRA O GUARANI.....33
8. A REPRESENTAÇÃO DO ÍNDIO NO ENSINO ATUAL.....37
9. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....41
10. CONCLUSÃO.....42
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....43
REFERÊNCIAS.....45

1. INTRODUÇÃO

O índio sempre foi tema de diversos estudos ao longo da história. Ele teve sua importância histórica, por ser o tema central nas diversas literaturas dessa época romântica.

Este tema desvela a romantização, buscando analisar as características do índio Peri descritas na obra “O Guarani” de José de Alencar.

Partindo deste contexto faz-se necessário o seguinte questionamento: Como a Escola Literária Romantismo descreveu o índio? Como a temática sobre o índio foi descrito nessa geração literária.

Nesse sentido, é de suma importância este tema ao estudar literatura nas escolas durante o ensino médio, pois ele proporciona aos alunos um novo entendimento sobre a origem das raízes do povo brasileiro. Também fomenta a análise das características do índio descritas na Obra “O Guarani” de José de Alencar.

O objetivo geral desta monografia é descrever as características do índio apresentadas na Obra “O Guarani” de José de Alencar. Os objetivos específicos são: definir as características do Romantismo presentes na referida obra, identificar e analisar as características dos índios de “O Guarani” de forma crítica.

A Representação do índio na Obra “O Guarani” de José de Alencar é um tema relevante mesmo nos dias atuais, pois os estudantes do ensino médio precisam conhecer a abordagem idealizada do indígena no Romantismo e como foi retratado na literatura da época, particularmente em Alencar na obra “O Guarani”.

A descrição do índio no Romantismo é de alguém cordial, mártir honroso e amigo do colonizador. Esta exposição demonstra a idealização da figura do indígena, pois ele era alguém com sua cultura e conhecimento já estabelecidos; no entanto, a sociedade o retratou como um ser fora do seu tempo e espaço, não oferecendo uma inclusão ao povo brasileiro.

Em síntese a obra “O Guarani” relata a história do índio Peri. Ele tem qualidade do homem civilizado, inclusive ele fala o mesmo idioma do “homem

branco", o português. Peri abandona a sua tribo e converte-se ao Cristianismo com o objetivo de viver um grande amor com uma mulher branca – Ceci.

Esta pesquisa será apresentada em 08 tópicos principais, conforme descrição a seguir. O primeiro é a *Revisão de Literatura*, o segundo são as *Breves Considerações sobre o Romantismo com 09 subtópicos.* O terceiro descreve a *Relação entre o Romantismo e a obra "O Guarani"*, o quarto destaca *As Características do índio Peri na obra "O Guarani".* O quinto descreve *O Estereótipo da Mulher Isabel – uma visão crítica da obra "O Guarani",* o sexto destaca *A Representação do índio no ensino atual*, o sétimo descreve os *Procedimentos Metodológicos* e o oitavo conclui o presente trabalho.

A metodologia utilizada foi bibliográfica, qualitativa, pois foi realizada a reflexão sobre obra "O Guarani" de José de Alencar. Esta pesquisa visa coletar as informações a partir de textos, livros, artigos e demais materiais de caráter científico. Ela é um método teórico focado em analisar os ângulos diferentes de um mesmo problema. Foram consultados diferentes autores com pontos de vistas diversos a respeito do mesmo tema. As fontes de pesquisa foram secundárias, pois o projeto apresentará informações já apresentadas em outras pesquisas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O Artigo "A Representação do Índio na Obra O Guarani, de José de Alencar" de Alves *et al*. (2016) descreve sobre a relação existente entre a nacionalidade e o Romantismo. De acordo com o artigo, as autoras apresentam a tese de Antonio Candido, o qual relata que após a Independência, o Brasil começou a pensar sobre os temas identidade e nacionalidade. Nesse contexto, surge um personagem principal – o Índio.

O Romantismo expôs a nacionalidade brasileira através dos indígenas. É importante perceber o contexto histórico em que essa análise surgiu. A primeira fase do Romantismo pode ser definida como nacionalista, pois é neste período que as riquezas naturais do país são exaltadas. Nessa fase o índio torna-se peça chave do nacionalismo, pois representa o resgate da identidade do país.

José de Alencar é um dos autores principais a inserir os indígenas na literatura. O personagem Peri (índio da obra “O Guarani”) surge como herói das matas, líder, guerreiro e corajoso. Ele também é bom caráter e é apaixonado pela natureza.

Interessante destacar que o Peri também é descrito como alguém com alma nobre e pura, ou seja, um modelo idealizado de ser humano. O apaixonado por Cecília absorve a cultura do homem europeu, tornando-se alguém diferente das suas verdadeiras origens.

Podemos destacar pontos positivos e negativos na idealização do índio, no trabalho apresentado pelas autoras. São eles:

Positivos: valorização do indígena, sua cultura e seu idioma.

Negativos: índio descrito como alma nobre, honesto e corajoso despertou o desejo da conquista pelo homem branco. Esse fato ocasionou a exterminação de muitos índios, a escravidão deles e a extinção do idioma nativo (tupi-guarani).

A cultura indígena sofreu grande impacto, pois houve imposição da cultura portuguesa. É destacado na exposição do trabalho que a obra “O Guarani” expõe que apesar da idealização do índio, a ideologia dos colonizadores conseguiu vencer e ser imposta aos nativos.

O texto “A representação da identidade nacional brasileira na obra “O Guarani” de Costa (2020), faz uma reflexão sobre a possibilidade de uma autonomia na literatura brasileira e sobre o índio no índio no Romantismo. Diversos escritores brasileiros buscavam uma autonomia com uma literatura nacional, diferente da europeia, principalmente após a proclamação da independência do Brasil em 1822.

O trabalho descreve que José de Alencar conseguiu escrever três obras que contribuíram para o resgate do nacionalismo. São elas: O Guarani, Iracema e Ubirajara. Nessa trilogia os protagonistas eram índios. Enquanto na Europa os heróis da literatura eram cavaleiros medievais, no Brasil essa figura foi representada pelo indígena.

Prossegue o trabalho descrevendo que Alencar mostra o herói indígena com nacionalidade e tom ufanista[1] em sua obra O Guarani. A obra também destaca a miscigenação, resultado da união entre índio e europeu.

Peri (o índio) representa a figura do “bom selvagem” de Rousseau. Este pensador considerava que o homem era bom por natureza, mas a vida em sociedade o corrompia. O indígena de Alencar é educado, íntegro, honesto, puro, corajoso e forte, ou seja, perfeito.

O Guarani desvencilhou-se da literatura clássica de Portugal e retratou o Brasil sob nova ótica. Representa a pátria num contexto nacionalista, pós-independência da colônia.

A dissertação “A criação do mito do herói indígena em O Guarani” de Mendes (2004), expõe que José de Alencar construiu a literatura indianista brasileira. Ele destacou as raízes nacionais nas obras indianistas em virtude do contexto histórico da época, orgulho nacionalista poucos anos após a independência do Brasil.

O texto de Mendes (2004) O Guarani retrata a valorização da natureza do país, o povo nativo e o colonizador de forma idealizada e romântica, ele também descreve a natureza exuberante do Brasil.

Interessante mencionar a visão de futuro do escritor, pois ele relatou a civilização brasileira como mestiça, nem branca, nem negra ou indígena, ou seja, uma população com características únicas, diferente da europeia.

O indianismo não é exclusivo da literatura brasileira, pois ele também esteve presente na literatura europeia e na hispano-americana.

Alfredo Bosi afirma que a obra O Guarani possui um nó apertado de pensamento conservador, mito indianista e metáfora romântica.

Peri foi o primeiro super-herói nacional. Ele é descrito como um amante devotado, sua dedicação à Cecília demonstra o amor do herói medieval. Cecília é a figura da princesa loira, branca e pura. Ele também representa a bravura, a idealização do amor e a valorização do nacionalismo.

---

[1] Ufanista está relacionada com o excesso de patriotismo; exaltação exagerada da pátria de nascimento.

A monografia “O índio no Romantismo Brasileiro: Uma análise O Guarani, de José de Alencar, e I-Juca Pirama, de Gonçalves Dias de Silva (2018), descreve que a chegada do Romantismo no Brasil foi marcada pela busca de uma realidade local e não europeia, ou seja, uma literatura nacional.

O Indianismo surgiu nesse contexto, um estilo literário que nasceu do nacionalismo brasileiro. A figura do índio representava a coragem e a lealdade em comparação ao herói medieval europeu.

O bom selvagem surge como característica do indígena, alguém que não foi corrompido pela sociedade.

Os escritores Gonçalves Dias e José de Alencar foram os que mais se destacaram na fase Indianista. O Guarani retrata o índio Peri em total conformidade com o colonizador. A obra descreve um colonizador generoso e um colonizado fiel e submisso. Ela representa a metáfora da origem do povo brasileiro, pois descreve a miscigenação entre o português e o indígena. Peri idolatra a amada branca Ceci, típica característica do Romantismo. Um amor puro e idealizado, perfeito. O índio entrega-se de corpo e alma, faz sacrifícios e abandona sua tribo em virtude desse amor.

Alencar descreveu Peri com qualidades idealizadas, sem vínculos com o mundo real. Esse índio era amigo, fiel e submisso ao seu senhor branco. Ele servia ao português sem questionar, uma obediência cega.

Podemos afirmar que Peri era um índio “civilizado”, pois foi descrito com qualidades do homem branco.

O artigo “O Guarani, de José de Alencar: Uma história de amor e a construção de uma nação” de Schoen (2010), descreve a conexão existente entre o Romantismo Brasileiro e o processo de independência do país. Interessante citar o sucesso da obra “O Guarani”, pois ela inspirou a criação de uma ópera por Carlos Gomes e Peri tornou-se nome de uma rua no Rio de Janeiro.

O artigo destaca que Alencar não descreveu fatos reais sobre as tribos indígenas relatadas na obra., pois a tribo dos guaranis não vivia no litoral do Rio de Janeiro. Ele também descreveu que Peri aprendeu falar português em apenas três meses, ou seja, algo totalmente irreal, uma fantasia romântica.

O perfil indígena descrito em O Guarani é alguém forte, corajoso e nobre, a intenção era definir o nativo brasileiro com essas qualidades. Peri representa o herói dos romances medievais europeus. Ele é um homem ideal, destemido, sem defeitos, também é bonito, corajoso e forte. Ele é o típico herói romântico, disposto a fazer todos os sacrifícios, inclusive arriscar sua vida em prol da pessoa idolatrada.

O texto informa que D. Antonio de Mariz, pai da amada e idolatrada Cecília, descreve Peri como um português no corpo de um selvagem. O artigo destaca que Cecília surge para Peri em uma visão na forma de Virgem Maria, demonstração de um amor idealizado, romântico.

É interessante destacar que O Guarani é concluído com a metáfora sobre Peri e Ceci escapando de uma tempestade para gerarem os próximos habitantes do Brasil, com o objetivo de fundar a nação brasileira.

Esta monografia “A Romantização do índio na obra O Guarani de José de Alencar” (2022), descreverá as características do índio apresentadas no livro O Guarani.

Importante observar que o indígena sempre foi tema de diversos estudos ao longo da história, inclusive o Romantismo Brasileiro definiu a primeira geração romântica como Indianista.

O índio do Romantismo é apresentado como um herói, guerreiro, forte e corajoso, mas também era obediente e submisso.

Interessante destacar que alguns autores fizeram a correlação entre o índio e o bom selvagem. De acordo com Barbosa (2008) “(...) inspirados em Montaigne e Rousseau, idealizava os índios brasileiros como bons selvagens, cujos valores heroicos tomam como paradigmas da formação do povo brasileiro.”

A descrição do indígena no Romantismo é de alguém cordial, mártir, honroso e amigo do colonizador. Esta exposição demonstra a idealização da figura do índio, pois ele era alguém com sua cultura e conhecimento já estabelecidos.

A obra “O Guarani” relata a história de Peri (índio). Ele tem qualidades do homem civilizado, inclusive o indígena fala o idioma português. Peri

abandona a sua tribo e converte-se ao cristianismo com o objetivo de viver um grande amor com uma mulher branca – Ceci. Interessante observar a imposição da cultura do colonizador, inclusive a imposição do cristianismo para o índio "selvagem". O indígena absorve a cultura do homem branco e torna-se civilizado.

De acordo com Gomes (2019), "o índio de Alencar é uma espécie de reserva moral da nação, abstrata e filosófica. Um índio que um dia talvez descerá de uma estrela colorida e brilhante qualquer para indicar os rumos a tomar."

Esta monografia tem como foco refletir sobre as questões relacionadas aos povos indígenas descritos na obra "O Guarani", mas principalmente, analisar as características do índio de forma crítica.

3. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANTISMO

O Romantismo foi um movimento estético e cultural que revolucionou a sociedade nos séculos XVIII e XIX. Nesse período, a sociedade evidenciou o espírito romântico – atitude e visão de mundo centrada no indivíduo – com o objetivo de diferenciar-se dos pensamentos do Iluminismo, que considerava a razão e a objetividade como centros do mundo.

Alguns fatos históricos foram decisivos para influenciarem este movimento: ascensão da classe burguesa na Europa, Revolução Industrial e Revolução Francesa.

Não se pode, conforme Coutinho (1997), fixar o lugar onde primeiro surgiu o Romantismo, porque os movimentos literários se formam gradativamente, ao mesmo tempo em diversos lugares, sem ligação entre si, como o resultado de evolução interna de formas e sensibilidade.

> As novas tendências que se opuseram no meado do século XVIII aos ideais neoclássicos, preludiando o Romantismo, refletem um estado de espírito inconformista em relação ao intelectualismo, ao absolutismo, ao convencionalismo clássico, ao esgotamento das formas e temas então dominantes. A imaginação e o sentimento, a emoção e a sensibilidade, conquistam aos poucos o lugar que era ocupado pela razão. Com isso, "a noção de natureza e seus corolários – a bondade natural, a pureza da vida em natureza, a superioridade da inspiração natural, primitiva, popular – atraem cada vez mais o interesse e o pensamento dos homens". (COUTINHO, 1997, p. 7-8)

No Brasil o início dessa fase literária ocorreu com a publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades* de Gonçalves Magalhães, em 1836. Porém, o Romantismo brasileiro apresenta características um pouco diferentes do europeu. Na Europa, obras com temáticas medievais eram comuns, já que esse era o passado histórico do continente. No Brasil, o resgate ao passado simbolizava os índios, como os nossos ancestrais.

Conforme o autor Bosi (1994), na ânsia de reconquistar as mortas estações e de reger os tempos futuros, o Romantismo dinamizou grandes mitos: a nação e o herói.

Ele é o movimento de uma produção da nova elite da sociedade, dessa forma, são os ideais desta burguesia que estão presentes nas obras românticas: egocentrismo, nacionalismo, idealização do herói, do amor e da mulher, fuga da realidade por meio da morte, do sonho, da loucura ou da arte.

Interessante destacar que o movimento do Romantismo Brasileiro despreza a postura racional, pois utiliza a emoção para interpretar a realidade.

O folhetim foi um modelo bem sucedido de divulgar as obras do Romantismo. Conforme Abaurre e Pontara (2005), o folhetim surgiu na França por volta de 1830. Ele era publicado por partes, para aumentar as vendas dos jornais. As histórias exploravam temas como sedução, traição, violência e maldade. O folhetim foi um sucesso e a partir dele foram escritos vários romances. Alguns autores obtiveram sucesso nessa modalidade: Balzac, Alexandre Dumas, Walter Scott, Camilo Castelo Branco, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar.

> O autor romântico escreve para uma sociedade que se formou sob a influência dos filósofos iluministas e que, por isso, valorizava os processos racionais e as posturas coletivas. É essa mentalidade que ele deseja mudar e contra a qual se manifesta. De certa forma, seu sentimento de desajustamento social é verdadeiro e nasce do confronto entre os valores que defende, centrados no subjetivismo e na emoção, e os que organizam a sociedade em que vive. (ABAURRE e PONTARA, 2005, p. 238)

O romance identificou-se com a burguesia. O drama, as paixões e as aventuras narrados nos livros, fizeram sucesso entre os leitores, principalmente entre o público feminino.

> O Romantismo trouxe consigo o pensamento moderno, pautado por ideias como liberdade e individualidade. No âmbito artístico, isso resultou na ruptura com as convenções clássicas e, consequentemente, na valorização da originalidade. Isso explica o caráter inovador do romance: se a experiência individual se renova a cada dia, o romance ao representá-la, é um gênero original em sua essência. (BARRETO *et al.* 2016, p. 65)

Podemos destacar o nacionalismo[2] como uma das principais características do Romantismo.

Conforme Abaurre e Pontara (2005), Alemanha, Inglaterra e França são os berços das três tendências mais fortes da estética romântica: o nacionalismo, o gosto pelo pitoresco e a temática social.

3.1. Romantismo no Brasil

De acordo com Candido (2012), em 1808 a Família Real portuguesa chegou ao Brasil. D. João veio com muitas pessoas, inclusive com a Rainha D. Maria I. Veio parte da Corte, o governo, muitos funcionários e militares.

Podemos indagar qual a relação desse acontecimento com o Romantismo no Brasil? Com a presença da Família Real em solo brasileiro, o Rio de Janeiro tornou-se um centro intelectual e artístico. Muitos estrangeiros, cientistas, artistas e artesãos vieram para o país, em virtude disso, houve mudanças significativas no cenário intelectual, artístico e político do Brasil.

A partir do início do século XIX surgiu uma crescente vontade de autonomia e modernização do Brasil.

> (...) a principal preocupação dos nossos intelectuais no início do século XIX: a formação da nação brasileira e a definição dos símbolos de nossa nacionalidade. Essa preocupação permanecerá presente durante toda a produção romântica nacional. (ABURRE e PONTARA, 2005, p. 237)

Interessante destacar que conforme Abaurre e Pontara (2005), várias missões estrangeiras vieram ao Brasil no início do século XIX. Um professor do Museu de História Natural de Paris e um Naturalista da Missão Artística Austríaca, são eles: Auguste de Saint-Hilaire e Carl Friedrich von Martius. Eles

---

[2] Nacionalismo é a consciência partilhada por um grupo de indivíduos que se sente ligado a uma terra e possui uma cultura e uma história comuns.

relataram que os índios e a natureza eram a representação da identidade brasileira.

De acordo com Abaurre e Pontara (2005), um fato importante para o Romantismo Brasileiro foi o lançamento da Revista *Niterói* em 1836, em Paris. Um grupo de jovens escritores brasileiros escreveram essa revista. Eram eles: Araújo Porto Alegre, Sales Torres Homem, Pereira da Silva e Gonçalves de Magalhães. Os assuntos abordados eram de interesse nacional. *Niterói* é considerada o primeiro “grito” de independência literária do Brasil.

Bosi (1994) descreve o leitor dos romances brasileiros na época do Romantismo:

> O romance romântico brasileiro dirigia-se a um público mais restrito do que o atual: eram moços e moças provindos das classes altas, e, excepcionalmente, médias; eram os profissionais liberais da corte ou dispersos pelas províncias: eram, enfim, um tipo de leitor à procura de entretenimento, que não percebia muito bem a diferença de grau entre um Macedo e um Alencar urbano. (BOSI, 1994, p. 128)

“A prosa do Romantismo Brasileiro abordou 04 vertentes: Indianista, Histórica, Urbana e Regionalista. O destaque da prosa foi o romance. A poesia foi dividida em 03 gerações: Nacionalista, Ultrarromântica e Condoreira.” (BARRETO, *et al.* 2016).

3.1.1. Geração Nacionalista – Conforme Barreto *et al*. (2016), o Nacionalismo iniciou o movimento do Romantismo Brasileiro. Abordou temas como saudades da pátria, exaltação da natureza e idealização do índio. O principal autor dessa fase foi **Gonçalves Dias**.

Valente na guerra,

Quem há, como eu sou?

Quem vibra o tacape

Com mais valentia?

Quem golpes daria

Fatais como eu dou?

- Guerreiros, ouvi-me,

- Quem há como eu sou?

Quem guia nos ares

A frecha emprumada,

Ferindo uma presa,

Com tanta certeza

Na altura arrojada

Onde eu a mandar?

- Guerreiros, ouvi-me,

- Ouvi meu cantar.

(DIAS, Gonçalves. O Canto do Guerreiro em BOSI, 1994)

Conforme Candido (2009), o Nacionalismo é definido abaixo:

> Teoricamente, o Nacionalismo independe do Romantismo, embora tenha encontrado nele o aliado decisivo. Podemos mesmo supor, para argumentar, formas não-românticas em que se teria desenvolvido. Há com efeito na literatura uma aspiração nacional, definida claramente a partir da Independência e precedendo o movimento romântico. (...) Sobretudo nos países novos e nos que adquiriram ou tentaram adquirir independência, o Nacionalismo foi manifestação de vida, exaltação afetiva, tomada de consciência, afirmação do *próprio* contra o *imposto*. (CANDIDO, 2009, p. 332-333)

Candido (2009) relata que Gonçalves Dias destacou-se na primeira fase romântica:

> Gonçalves Dias se destaca no medíocre panorama da 1ª fase romântica pelas qualidades superiores de inspiração e consciência artística. Contribuiu ao lado de José de Alencar para dar à literatura, no Brasil, uma categoria perdida desde os árcades maiores, e, ao modo de Cláudio Manuel, fornece aos sucessores o molde, o padrão a que se referem como inspiração e exemplo. (CANDIDO, 2009, p. 401)

De acordo com Moisés (1997) Gonçalves Dias foi o primeiro poeta autenticamente brasileiro, na sensibilidade e na temática:

> O outro vetor que lhe orientava a fantasia continha uma adaptação aos tempos novos e uma tomada de consciência do solo natal: contraface da tendência anterior, manifesta uma visão épica do mundo, traduzida no indianismo heroico (*O Canto da Piaga*) e num patriotismo e brasilidade que lhe está visceralmente conectado. (MOISES, 1997, p. 132-133)

Coutinho (1997) nos informa que Gonçalves Dias era filho de uma índia com um português e por isso sua escrita é mais diferenciada:

> A princípio parece que todo indianista é romântico. Aliás foi o nosso índio (insista-se) que despertou, via Montaigne, as ideias que culminaram em Rousseau, pai do Romantismo. Mas no caso de Gonçalves Dias, não. O seu indianismo nada tem que ver com o Romantismo europeu, embora o nosso índio figure nas origens do movimento, transformado em "mito do bom selvagem". Indianismo três vezes autêntico, o de Gonçalves Dias: a) pelo sangue (ele era filho de uma guajajara com um português); b) pelo conhecimento direto dos indígenas com os quais conviveu (quando menino e nas excursões pela Amazônia); c) pelos estudos que realizou (Brasil e Oceania, Vocabulário da língua tupi, etc.) (COUTINHO, 1997, p. 79)

3.1.2. Geração Ultrarromântica ou Byroniana – Conforme Barreto *et al*. (2016), essa fase é caracterizada pelo extremo subjetivismo. Os temas de destaques são: apego à morte, fuga para infância ou natureza, relação dúbia com a mulher. Principal autor foi **Álvares de Azevedo**.

Minha desgraça não, não é ser poeta,

nem na terra de amor não ter um eco,

E meu anjo de Deus, o meu planeta

Tratar-me como trata-se um boneco...

[...]

Minha desgraça, ó cândida donzela,

O que faz que o meu peito assim blasfema,

É ter para escrever todo um poema,

E não ter um vintém para uma vela.

(AZEVEDO, Álvares. Lira dos Vinte Anos em BARRETO *et al.* 2016)

Conforme Coutinho (1997), o autor Álvares de Azevedo é o principal representante do individualismo romântico brasileiro. Azevedo não exaltava a natureza, pois parecia esmagado pelo ambiente físico brasileiro. Ele era desinteressado da realidade, por isso mergulhava somente em si próprio para escrever. Ele demonstrava excessivo interesse em temas como as sombras, a morte, a noite, os túmulos.

Eu deixo a vida como deixa o tédio

Do deserto o poento caminheiro

- Como as horas de um longo pesadelo

Que se desfaz ao dobre de um sineiro

(AZEVEDO, Álvares. Lembrança de Morrer. em BOSI, 1994)

Bosi (1994) descreveu Álvares de Azevedo como um adolescente com fantasias num ambiente macabro e pessimista:

> Das imagens satânicas que povoavam a fantasia do adolescente dão exemplo os contos macabros de *A Noite na Taverna*, simbolista *avant la lettre*, e alguns versos febris de *O Conde Lope* e do *Poema do Frade*. Também nessa literatura que herdou de Blake e de Byron a fusão de libido e instinto de morte, Álvares de Azevedo caminhava na esteira de um Romantismo em progresso enquanto trazia à luz da contemplação poética os domínios obscuros do inconsciente. (BOSI, 1994, p. 113)

3.1.3. Geração Condoreira – Conforme Barreto *et al*. (2016) o foco dessa fase é o engajamento social. O poeta é considerado um condor, pois tem uma visão superior e deve orientar os outros sem visão, ou seja, as pessoas comuns. Principal tema nesta geração foi a luta pela absolvição da escravatura e o maior autor essa fase foi **Castro Alves**.

Ao romper d'alva

Oh! Deus! Não ouves d'entre a imensa orquestra

Que a natureza virgem manda em festa

Soberba, senhor!

Um grito que soluça, aflito, vivo,

O retinir dos ferros do cativo,

Um som discorde e vil?

(DIAS, Gonçalves. Os Escravos em BARRETO *et al*. 2016)

Moisés (1997) descreve Castro Alves como o traço de união entre Romantismo e Parnasianismo:

> Castro Alves é o traço de união entre Romantismo agonizante e o Parnasianismo emergente. A sua poesia social destacada em “Vozes d’África” tem característica abolicionista e “condoreira”. (MOISÉS, 1997).

De acordo com Moisés (1997), Castro Alves era otimista, idealista, sedento de vida, possuía visão utópica de mundo. Alves pode ser considerado um dos maiores poetas da Literatura Brasileira.

Candido (2009) relata que Castro Alves realizou um milagre literário com sua poesia negra:

> Trazer o negro à literatura, como herói, foi, portanto, um feito apenas compreensível à luz da vocação retórica daquele tempo, facilmente predisposto à generosidade humanitária. (…) Castro Alves se tornou o poeta por excelência do escravo, ao lhe dar, não só um brado de revolta, mas uma atmosfera de dignidade lírica, em que os seus sentimentos podiam encontrar amparo; ao garantir à sua dor, ao seu amor, a categoria reservada aos do branco, ou do índio literário. (CANDIDO, 2009, p. 592)

3.2. A Prosa Romântica

De acordo com Barreto *et. al* (2016), José de Alencar é o autor das principais obras indianistas, históricas, urbanas e regionalistas. Podemos perguntar, quem foi José de Alencar?

Conforme Bosi (1994), ele nasceu em Mecejana – Ceará, em 1829. Era filho de senador, cursou Direito, parte em São Paulo, parte em Olinda. Começou a trabalhar como advogado no Rio de Janeiro, mas logo seus caminhos mudaram para a literatura. Trabalhou como cronista no *Correio Mercantil*, como redator do *Diário do Rio de Janeiro*, utilizou o pseudônimo **Ig**., para escrever várias críticas sobre o poema *A Confederação dos Tamoios* de Gonçalves de Magalhães.

Alencar escreveu *Cinco Minutos* (1856) e *A Viuvinha* (1857). Essas obras foram escritas em forma de folhetim.

Em 1857 lançou *O Guarani* e fez muito sucesso. Escreveu também o libreto da ópera *A Noite de São João*, as comédias *O Crédito*, *Demônio Familiar*, *Verso e Reverso* e os dramas *As Asas de um Anjo* e *Mãe*.

José elegeu-se deputado pelo Ceará e também trabalhou no Ministério da Justiça de 1868 a 1870. Apesar de seu pai ser adepto de ideologia liberal, Alencar tinha posturas conservadoras em relação à abolição da escravatura. Bosi (1994) descreve o autor como um individualista, sem preocupação com a coisa pública.

O autor de O Guarani, decidiu afastar-se da política porque D. Pedro II não o indicou para o Senado.

Ele também escreveu muitas obras, eis algumas delas: Lucíola (1862), Iracema (1865), Visão de Jó (1867), O Gaúcho (1870), A Guerra dos Mascates (1873), Ubirajara (1874), Senhora (1875), O Sertanejo (1875).

Em 1877 o escritor Alencar viajou para a Europa para tratar a tuberculose, mas não conseguiu êxito no tratamento. Ele faleceu no Rio de Janeiro do mesmo ano da viagem.

Conforme Barreto *et. al* (2016), a exemplo do Romantismo europeu, a grande expressão foi o romance, destacando-se quatro eixos temáticos: indianista, histórico, urbano e regionalista.

3.2.1. Indianismo – Apresenta o índio como protagonista das obras.

Conforme Nascimento (2012) o Indianismo é a corrente romântica de valorização do índio na literatura brasileira. De acordo com essa autora, o indianismo romântico possui contornos nacionalistas. O índio era o genuíno filho da terra, o verdadeiro brasileiro.

Diana (2014) destaca como características do Indianismo: nacionalismo e ufanismo, sentimentalismo e religiosidade, figura idealizada do índio, índio-herói como o símbolo nacional, língua e costumes indígenas, retorno ao passado histórico, exaltação da natureza e do folclore, influência do medievalismo romântico.

> O indianismo, a rigor, constituiu uma tendência generalizada do romantismo. Não ocorreu apenas em nosso país. A valorização do índio, (…), é muito mais antiga do que o aparecimento da escola romântica. Há um momento, no Brasil, entretanto, em que o romantismo se traduz em indianismo. (SODRÉ, 1995, p. 266)

Sodré (1995) relata que o índio literário dos romances é o descendente, em linha direta, do índio social e individualmente bom, com uma bondade natural. Esse índio fascinou os intelectuais da ascensão burguesa e os viajantes.

Abaurre e Pontara (2005) destacam que os principais autores românticos indianistas foram Gonçalves Dias e José de Alencar.

De acordo com Coutinho (1997) Gonçalves Dias é o poeta do Indianismo. O indianismo de Dias era autobiográfico, pois o índio morava dentro dele. Este poeta substituiu a ideologia pela realidade humana do indígena.

> Gonçalves Dias é um grande poeta, em parte pela capacidade de encontrar na poesia o veículo natural para a sensação de deslumbramento ante o novo mundo, de que a prosa de Chateaubriand havia até então sido o principal intérprete. (CANDIDO, 2009, p. 404)

Veríssimo (1998) destaca que José de Alencar introduziu o índio e seus acessórios no romance brasileiro. Este índio era idealizado porque Alencar quis transformar o indígena em uma figura simpática ao leitor.

Conforme Coutinho (1997) o nacionalismo romântico pode ser denominado de Indianismo. Utilizando o conceito de “bom selvagem” de Rousseau, o índio brasileiro representou a independência espiritual, política, social e literária.

Bosi (1994) relata que o Brasil ideal de José de Alencar é um cenário exótico, onde os portugueses seriam expulsos, os capitães reinariam, os senhores dos barracos e terçados viveriam rodeados de peões e sertanejos livres, mas fiéis.

De acordo com Candido (2009) José de Alencar criou o índio ideal:

> Assim como Walter Scott fascinou a imaginação da Europa com os seus castelos e cavaleiros, Alencar fixou um dos mais caros modelos da sensibilidade brasileira: o do índio ideal, elaborado por Gonçalves Dias, mas lançado por ele na própria vida cotidiana. As Iracemas, Jacis, Ubiratãs, Ubirajaras, Aracis, Peris, que todos os anos, há quase um século, vão semeando em batistérios e registros civis a mentirada gentil do Indianismo, traduzem a vontade profunda do brasileiro de perpetuar a convenção, que dá a um país de mestiços o álibi de uma raça heroica, e a uma nação de história curta a profundidade do tempo lendário. (CANDIDO, 2009, p. 538)

Coutinho (1997) descreve o mundo idealizado, de fantasias criado por José de Alencar para retratar as origens do homem brasileiro, a partir do indígena:

> Alencar criou, com base mais lendária do que histórica, o mundo poético e heroico de nossas origens, para afirmar a nossa nacionalidade, para provar a existência de nossas raízes legitimamente americanas. (…) O Guarani encerra mito de significação nacional. (…) O mito do bom selvagem, da pureza do americano, em contraste com a rudeza e ambição desenfreada e sem escrúpulos do branco europeu. São o próprio conceito de indianismo e a sua visão do índio que tem, para ele, valor mítico. (COUTINHO, 1997, p. 260).

Conforme Candido (2012) a obra *O Guarani* teve grande êxito e foi um dos mais lidos pelo público brasileiro. Essa obra serviu de inspiração para ópera de Carlos Gomes, intitulada pelo mesmo nome e apresentada em Milão em 1870.

> A função do índio romântico foi significativa durante algum tempo e extravasou do campo da literatura. (...) ele se tornou imagem ideal e permitiu a identificação do brasileiro com o sonho de originalidade e de passado honroso, além de contribuir para reforçar o sentimento de unidade nacional. (...) O indianismo proporcionou um antepassado mítico, que lisonjeava por causa das virtudes convencionais que lhe eram arbitrariamente atribuídas, inclusive pela assimilação ao cavaleiro medieval, tão em voga na literatura romântica. (CANDIDO, 2012, p. 80).

Conforme Candido (2009) o Indianismo tem algumas críticas a serem feitas:

> O Indianismo dos românticos preocupou-se sobremaneira em equipará-lo qualitativamente ao conquistador, realçando ou inventando aspectos do seu comportamento que pudessem fazê-lo ombrear com este – no cavalheirismo, na generosidade, na poesia. (...) O Indianismo serviu não apenas como passado mítico e lendário, (...), mas como passado histórico, à maneira da Idade Média. Lenda e história fundiram-se na poesia de Gonçalves Dias e mais ainda no romance de Alencar, pelo esforço de suscitar um mundo poético digno do europeu. (CANDIDO, 2009, p. 337-338).

3.2.2. Histórica – Barreto *et al.* (2016) destaca que o romance histórico é um gênero literário em que a narrativa fictícia se relaciona com fatos históricos. Os personagens e os cenários são criados de acordo com documentos e dados históricos.

Diana (2014) destaca como características do Romance Histórico: amor idealizado, mulher idealizada, caráter nacionalista, tempo da narrativa é sempre o tempo passado, temática central associada a um ou mais fatos históricos, personagens históricos convivem com personagens fictícios, fatos históricos são essenciais na construção do enredo, não apenas pano de fundo.

Barreto *et al*. (2016) destaca que o romance histórico é uma reinterpretação de fatos e personagens do passado brasileiro. As obras *As Minas de Prata* e a *Guerra dos Mascates* de José de Alencar, representam essa fase.

Conforme Coutinho (1997) *As Minas de Prata* relata o mito do tesouro escondido, que levou para os sertões brasileiros vários aventureiros. Esse fato foi responsável pelo povoamento dessa área geográfica.

Candido (2009) descreve a obra *A Guerra dos Mascates* como recheada de alusões à política do Império, inclusive tem um cuidado com os fatos históricos.

3.2.3. Urbana – Barreto *et al*. (2016) informa que o Romance Urbano também é chamado de Romance de Costumes. Esse gênero retrata o Brasil, principalmente o Rio de Janeiro, também destaca os aspectos negativos da vida urbana e dos hábitos burgueses.

Diana (2014) destaca como características do Romance Urbano: mulher idealizada, amor idealizado, público-alvo feminino, divulga os valores morais burgueses, representa os costumes da elite burguesa, herói ou heroína enfrenta obstáculos para encontrar a felicidade.

Barreto *et al.* (2016) destaca que esta fase apresenta os conflitos da burguesia carioca. O Rio de Janeiro era o centro do Brasil, a capital mais relevante do país. As obras mais importantes foram *A Moreninha* de Joaquim Manuel de Macedo, *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida, *Lucíola* e *Senhora* de José de Alencar.

> Publicada em 1884, A Moreninha tornou-se o introdutor da ficção romântica em nossa literatura. (…) A Moreninha se desenvolve em dois planos: um, mais saliente, consiste na intriga sentimental e no próprio retrato da heroína (…); o outro, (…) diz respeito aos pormenores da sociedade do tempo que o romancista alcançou surpreender. (MOISÉS, 1997, p. 142)

Conforme Bosi (1994), *Memórias de um Sargento de Milícias* relata um momento histórico, época de D. João VI, uma visão realista da vida, escrita com humor sarcástico.

De acordo com Candido (2012), *Senhora* denuncia um casamento baseado no interesse financeiro. O dinheiro é o protagonista da história. Qual a

importância dele nas relações da burguesia e como as pessoas são avaliadas por causa dele?

3.2.4. Regionalista – Conforme Coutinho (1997), o Regionalismo é a representação de regiões específicas do Brasil, não mais o contexto geral do país. Seria a descrição de seus costumes, cultura, hábitos, rotinas e tradições.

De acordo com Barreto *et al.* (2016), esta fase relatou as diferenças étnicas, linguísticas, sociais e culturais do Brasil. As principais obras foram *O Sertanejo* e *O Gaúcho* de José de Alencar.

Conforme Coutinho (1997), o Regionalismo é a representação de regiões específicas do Brasil, não mais o contexto geral do país. Seria a descrição de seus costumes, cultura, hábitos, rotinas e tradições.

> A região em que se desenrola o drama de *O Sertanejo*, por exemplo, é bastante diversa daquela de *O Gaúcho*; e não o é apenas em seu aspecto físico, que é o que menos interessa no caso, mas em todo o seu complexo de características geográficas e culturais. (…) O romance regionalista de Alencar talvez represente, dentro da sua obra e mesmo no conjunto do romance romântico, aquele aspecto em que mais e melhor se desenvolveu e fixo a tendência realista do nosso Romantismo. (COUTINHO, 1997, p. 264)

4. ENREDO DA OBRA O GUARANI

O Guarani é um romance escrito por José de Alencar, feito em folhetim no jornal “Diário do Rio de Janeiro” e publicado em 1857. Sua temática principal é o conflito e a aproximação entre a cultura indígena e a cultura branca.

O romance narra a história de D. Antônio Mariz, fidalgo português que decide morar no Rio de Janeiro. A família de D. Antônio é formada por D. Lauriana, uma mulher branca paulista e seus dois filhos: D. Diogo e Cecília, mais conhecida como Ceci. Também havia Isabel, filha bastarda de D. Antônio com uma índia, mas era tratada como sobrinha pela família. A história ocorre em 1604, mesma época em que os reinos de Portugal e Espanha ainda disputavam terras no novo continente, no interior do Rio de Janeiro.

Peri é um índio da tribo dos Goitacases que se apaixona por Ceci, após salvá-la de um ataque. Após esse ato de bravura, o índio começar a morar

com a família e faz todas as vontades de Cecília. Álvaro de Sá é um amigo da família e também amava a filha de D. Antônio.

Cecília não tem o menor interesse em Álvaro, porém, Isabel estava apaixonada pelo homem. Desta forma, temos um conjunto de amores não correspondidos.

Em meio a isso, a família é ameaçada por Loredano, que queria incendiar a fazenda de D. Antônio, roubar sua fortuna e sua filha. Contudo, Peri consegue evitar o incêndio, todos descobrem a traição de Loredano, que acaba sendo preso e queimado na fogueira.

Diogo mata sem intenção uma índia da tribo Aimoré, com isso desperta a raiva da tribo, que decide atacar a fazenda e tentar matar todos que estivessem lá.

Peri, ao ver que Ceci estava em perigo, decide fazer um grande sacrifício para salvá-la. Ele toma um veneno e vai para o combate com os Aimorés. Entretanto, Álvaro consegue saber dos planos de Peri e salva o índio, se machucando na batalha. Ao ver o amado quase morrendo, Isabel tenta se matar, mas acaba vendo que poderia salvar Álvaro. Porém, o homem não deixa que ela o salve e ambos morrem juntos.

Com o ataque ainda acontecendo, D. Antônio batiza Peri como cristão e pede que ele fuja com Ceci. Quando o índio está levando a moça desacordada em seus braços, vê que D. Antônio explode sua casa, matando todos que estavam dentro dela.

Durante vários dias, o casal foge sem destino certo, e no meio do caminho, acabam surpreendidos pela tempestade. Eles se abrigam na copa de uma palmeira desprendida da terra. Peri conta a história da lenda indígena de Tamandaré e sua esposa, que se salvaram de um dilúvio abrigando-se na copa de uma palmeira desprendida da terra e comendo seus frutos até que pudessem descer, povoando a Terra com seus descendentes.

No meio da enchente, Peri consegue arrancar a palmeira e fazer dela uma canoa, para que possam continuar pelo rio.

Peri e Ceci repetem a lenda de Tamandaré e sua esposa.

5. A RELAÇÃO ENTRE O ROMANTISMO E A OBRA O GUARANI

O Artigo “A Representação do Índio na Obra O Guarani, de José de Alencar” de Alves *et al*. (2016) descreve sobre a relação existente entre a nacionalidade e o Romantismo. De acordo com o artigo, as autoras apresentam a tese de Antonio Candido, o qual relata que após a Independência, o Brasil começou a pensar sobre os temas identidade e nacionalidade. Nesse contexto, surge um personagem principal – o Índio.

O Romantismo expôs a nacionalidade brasileira através dos indígenas. É importante perceber o contexto histórico em que essa análise surgiu. A primeira fase do Romantismo pode ser definida como nacionalista, pois é neste período que as riquezas naturais do país são exaltadas. Nessa fase o índio torna-se peça chave do nacionalismo, pois representa o resgate da identidade do país.

O personagem Peri (índio da obra “O Guarani”) surge como herói das matas, líder, guerreiro e corajoso. Ele também é bom caráter e é apaixonado pela natureza.

Interessante destacar que o Peri também é descrito como alguém com alma nobre e pura, ou seja, um modelo idealizado de ser humano. O apaixonado por Cecília absorve a cultura do homem europeu, tornando-se alguém diferente das suas verdadeiras origens.

Podemos destacar pontos positivos e negativos na idealização do índio, no trabalho apresentado pelas autoras. São eles:

Positivos: valorização do indígena, sua cultura e seu idioma.

Negativos: índio descrito como alma nobre, honesto e corajoso despertou o desejo da conquista pelo homem branco. Esse fato ocasionou a exterminação de muitos índios, a escravidão deles e a extinção do idioma nativo (tupi-guarani).

A cultura indígena sofreu grande impacto, pois houve imposição da cultura portuguesa. É destacado na exposição do trabalho que a obra “O Guarani” expõe que apesar da idealização do índio, a ideologia dos colonizadores conseguiu vencer e ser imposta aos nativos.

6. CARACTERÍSTICAS DO ÍNDIO PERI NA OBRA O GUARANI

A obra *O Guarani* descreve o período da colonização do Brasil e as aventuras dos colonizadores para povoar o interior do país. Ela descreve o amor de Peri (índio) e Ceci (moça branca e rica). Peri é apresentado como herói que idolatra sua amada. Ele abandona sua tribo, língua e religião e nome do amor por Ceci.

Interessante observar esta imposição da cultura do colonizador, inclusive a imposição do cristianismo para o índio “selvagem”. O indígena absorve a cultura do homem branco e torna-se civilizado.

A obra “O Guarani” retrata a imposição da cultura do colonizador sobre os habitantes originários da colônia. As características do personagem Peri refletem o idealismo das características do homem europeu, alguém forte, corajoso, de religião cristã, obediente e servil. Interessante perceber o reflexo desta obra presente até os dias atuais.

Conforme Lopes (2012), para entender “*O Guarani*” é preciso pensá-la dentro de um projeto pedagógico concebido pelo autor, cuja intenção era compreender e mostrar o contexto brasileiro da época. Segundo o autor, na figura do índio foram encerrados todos os valores que gostariam de ser associados ao homem brasileiro, tais como honra, lealdade, devoção à amada e sobretudo o amor pela terra.

> Tanto nos romances nativistas (*O Guarani, Iracema, Ubirajara*) como naqueles em que o bom selvagem se desdobra em heróis regionais (*O Gaúcho, O Sertanejo*), o selo da nobreza é dado pelas forças do sangue que o autor reconhece e respeita igualmente na estirpe dos colonizadores brancos. Ao heroísmo de Peri não deixa de apor a sobranceria de Dom Antônio de Mariz e sua esposa, os castelões impávidos de O Guarani. (BOSI, 1994)

Conforme Gomes (2019), a obra também descreve o colonizador como superior do ponto de vista intelectual e cultural.

> É justamente a superioridade de caráter e o espírito de renúncia demonstrado pelos indígenas que é veiculado como a grande virtude, já que se mostram capazes de suportar o sofrimento e até a perda de seu mundo original para viabilizar algo maior, que seria a nação. (GOMES, 2019).

José de Alencar descreve os índios como altos, forte, bravos e íntegros. Ele destaca a presença indígena na cultura brasileira como algo positivo na formação da nacionalidade.

> O índio de Alencar é uma espécie de reserva moral da nação, abstrata e filosófica. Um índio que um dia talvez descerá de uma estrela colorida e brilhante qualquer para indicar os rumos a tomar, uma confiança aliás que muitos brasileiros ainda depositam no que entendem como o brasileiro genuíno. (GOMES, 2019).
>
> O índio literário dos romances é o descendente, em linha direta, do índio social e individualmente bom, dotado de bondade natural, a criatura que fascinou os elementos intelectuais da larga fase de ascensão burguesa, dos viajantes e utopistas aos enciclopedistas. (SODRÉ, 1995, p.268)

Alencar utiliza o conceito de “bom selvagem” para caracterizar o índio Peri. Conforme Bosi (1994): “(...) o mito alencariano reúne, sob a imagem comum do herói, o colonizador, tido como generoso feudatário, e o colonizado, visto ao mesmo tempo como súdito, fiel e bom selvagem.”

Podemos perguntar o que é bom selvagem? Conforme Fortes (1996) Rousseau definiu o mito do bom selvagem como um personagem típico na literatura que nasce na Europa, fruto do desenvolvimento das Ciências Sociais. O homem nasce bom e ingênuo, mas a sociedade o corrompe.

Continuando a análise de O Guarani, podemos afirmar que Peri aceitou ser inserido em outra cultura, para se adequar ao mundo de sua amada Ceci, uma mulher branca. Esse amor era idealizado e idolatrado.

> Para ele essa menina, esse anjo louro, de olhos azuis, representava a divindade na terra, admirá-la, fazê-la sorrir, vê-la feliz, era o seu culto; culto santo e respeitoso em que o seu coração vertia os tesouros de sentimentos e poesia que transbordavam dessa natureza virgem. (ALENCAR, 2001, p. 53)

Peri é descrito como um homem esbelto, pele acobreada, dentes brancos, forte, inteligente e belo.

> (...) via-se um índio na flor da idade. Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam *aimará*, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, cala-lhe dos ombros até o meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem. Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor do cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lis, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a fronte; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte, mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência. (...) Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca[3] de frutos amarelos,

[3] Axorca – adorno para braços e pernas, em forma de argolas com moedas, usadas por alguns povos.

> apoiava-se sobre um pé pequeno, mais firme no andar e veloz na corrida. (ALENCAR, 2001, p. 26)

As características físicas do índio descritas no livro são idealizadas, conforme trecho da obra exposto acima.

Alencar (2001) descreve Peri como um índio guerreiro goitacá, que abandona sua tribo para dedicar seu amor à Cecília.

> - De que nação és? Perguntou-lhe o cavalheiro em guarani.
>
> - Goitacá, respondeu o selvagem erguendo a cabeça com altivez.
>
> - Como te chamas?
>
> - Peri, filho de Ararê, primeiro de sua tribo.
>
> - Eu sou um fidalgo português, um branco inimigo de tua raça, conquistador de tua terra; mas tu salvaste minha filha; ofereço-te a minha amizade. (ALENCAR, 2001, p. 89)

> - Mãe! ... exclamou ele.
>
> - Vem! disse a índia seguindo pela mata.
>
> - Não!
>
> - Nós partimos.
>
> - Peri fica.
>
> - A índia fitou em seu filho um olhar de profunda admiração.
>
> - Teus irmãos partem!
>
> O selvagem não respondeu.
>
> - Tua mãe parte!
>
> O mesmo silêncio.
>
> - Teu campo te espera!
>
> Peri fica, mãe! Disse ele com a voz comovida.
>
> - Por quê?
>
> - A senhora mandou.
>
> A pobre mãe recebeu esta palavra como uma sentença irrevogável; sabia do império que exercia sobre a alma de Peri a imagem de Nossa Senhora, que ele tinha visto no meio de um combate e havia personificado em Cecília. (ALENCAR, 2001, p. 100-101)

A relação descrita entre o colonizador europeu (D. Antônio Mariz) e o colonizado (Peri) é de submissão e obediência.

> - Peri, disse ele, o que fizeste é digno de ti; o que fazes agora é de um fidalgo. Teu nobre coração pode bater sem envergonhar-se sobre o coração de um cavalheiro português. Tomo-vos a todos por

> testemunhas, que vistes um dia D. Antônio Mariz apertar ao seu peito um inimigo de sua raça e de sua religião, como a seu igual em nobreza e sentimentos. O fidalgo abriu os braços e deu em Peri o abraço fraternal consagrado pelos estilos da antiga cavalaria, da qual já naquele tempo apenas restavam vagas tradições. O índio de olhos baixos, comovido e confuso, parecia um criminoso em face do juiz. (ALENCAR, 2001, p. 129)

Conforme Coutinho (1997) O Guarani é um romance escrito com sucesso:

> O *Guarani* é um romance bem feito, de sólida estrutura e mesmo de ousada arquitetura, a permitir a afirmativa de que Alencar, ao publicar os primeiros livros, não era um principiante a hesitar na solução desse ou daquele problema narrativo; mostrava-se, ao contrário, um romancista senhor do seu ofício, dono de uma técnica que não fora antes revelada e, mesmo depois, só seria ultrapassada por Machado de Assis. (COUTINHO, 1997, p. 254)

A obra “O Guarani” retrata a imposição da cultura do colonizador sobre os habitantes originários da colônia. As características do personagem Peri refletem o idealismo das características do homem europeu, alguém forte, corajoso, de religião cristã, obediente e servil. Interessante perceber o reflexo desta obra presente até os dias atuais.

7. O ESTEREÓTIPO DA MULHER ISABEL – UMA VISÃO CRÍTICA DA OBRA O GUARANI

A Obra O Guarani além de descrever a figura do índio idealizado, também descreve uma personagem feminina interessante, Isabel, uma mestiça, filha de um português com uma índia.

Gilberto Freyre (2006) afirma que a maior vantagem da miscigenação é a formação do brasileiro – “tipo ideal de homem moderno para os típicos europeus com sangue negro ou índio a avivar-lhe a energia.” (FREYRE, 2006, p. 47)

Conforme Freyre (2006), os portugueses no século XVII iam buscar entre as filhas das caboclas esposas legítimas até mesmo entre os mais ricos. Ele diz que essa busca já não era igual ao primeiro século, em que procuravam as índias ou filhas das índias por escassez da mulher branca, mas por preferência em desejos sexuais pelas indígenas.

> A preferência pela mulher gentia[4] pelos europeus também teria sido por motivo mais social que sexual: da parte das índias a mestiçagem se explica pela ambição de terem filhos pertencentes à raça superior, pois segundo as ideias entre eles só valia o parentesco pelo lado paterno. (FREYRE, 2006, p. 160)

De acordo com Freyre (2006), o europeu saltava em terra escorregando em índia nua. Até mesmo os padres da Companhia precisavam descer com cuidado para que não viessem a cometer pecados carnais com tamanha beleza das índias.

Feitoza (2017) relata que essas relações entre índias e europeus, fizeram surgir os filhos mestiços, que também eram bastardos. Muitas vezes esses filhos eram criados longe dos padrões cristãos, cresciam à toa, pelo mato, alguns eram ruivos e de pele clara. Dessa numerosa descendência mestiça, muitos eram absorvidos, e outros viviam entre a vida selvagem e sob a influência europeia, exemplo da personagem Isabel de O Guarani.

Conforme Feitoza (2017) é importante destacar que a identidade mestiça não é definida pela aparência, mas pela sua origem. Um mestiço pode ter a aparência de um índio, de um branco, de um negro ou outra aparência qualquer. O mestiço não é uma raça, mas uma mistura, assim ele não possui um padrão físico.

José de Alencar descreve a personagem Isabel como uma mulher com uma beleza diferente e irresistível. Ela era filha bastarda do português D. Antônio Mariz com uma índia, porém ela foi criada como sobrinha da família.

Alencar utilizou temas interessantes na Obra O Guarani: amores impossíveis, filhos rejeitados e servidão na casa patriarcal.

Conforme Feitoza (2017), Isabel encarna o complexo de inferioridade e o preconceito por ser mestiça.

Mas podemos perguntar: Quem era Isabel?

> (…) era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade. Os olhos grandes, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível. (ALENCAR, 2001, p. 45)

---

[4] Gentia é aquela que não professa a fé cristã; que não é cristã; ou seja, pagã.

Isabel é a típica mulher brasileira, sensual, corpo perfeito, pele morena, representação da mulher selvagem.

Ela era tratada como sobrinha do senhor da casa, mas era fruto do amor entre D. Antônio e uma índia. Fato natural na época da colonização do Brasil. O português se apropriava das terras, das riquezas e também das mulheres negras e índias.

Alencar descreve Isabel como uma figura inocente, quase intocável. Uma mulher que luta pelo seu amor. Ela possuía muita paixão e emoção. “O sorriso de Isabel era como um beijo ideal, que fugia-lhe da boca e ia roçar com as suas asas a alma daqueles que a contemplavam, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível.” (ALENCAR, 2001, p. 180)

Isabel jamais foi reconhecida como membro da família, pelo contrário, ela era considerada impura e inferior. Ela sempre desdenhava de si mesma, suas falas eram sentimentais e melancólicas.

> Quando se sabe que se pode ser uma causa de desgraça para aqueles que se estima, melhor é desatar o único laço que nos prende à vida do que vê-lo despedaçar-se. Não dizeis que tens medo de amar-me? Pois bem, agora sou eu que tenho medo de ser amada. (ALENCAR, 2001, p. 258)

Isabel é uma exaltação à mestiçagem. Seu personagem demonstra o preconceito que ela sofre por ser mestiça.

> - Ora Cecília, como queres que se trate um selvagem que tem a pele escura e o sangue vermelho? Tua mãe não diz que um índio é um animal como cavalo ou um cão?” (ALENCAR, 2001, p. 47)

A irmã de Cecília demonstra um sentimento de inadequação por não se sentir brasileira, nem europeia. Ela entende que índio ou mestiço, não servem para nada, somente para servir aos seus senhores brancos. Ela demonstra vergonha, causada pela relação extraconjugal e inter-racial impostas pelos portugueses.

A obra O Guarani relata o encontro do branco europeu, cristão, educado e com valores morais cristãos com o índio submisso que foi criado para servir o europeu dentro de casa.

Isabel não gostava de lembrar de suas origens, pois ela não gostava de sua cor, de sua condição de excluída.

> Em Isabel, o índio fizera a mesma impressão que lhe causava sempre a presença de um homem daquela cor, lembrava-se de sua mãe infeliz, da raça de que provinha e da causa do desdém com que era geralmente tratada. (ALENCAR, 2001, p. 128)

Ela era infeliz porque era órfã e mestiça. Ela não sabia que D. Antônio era seu pai.

> Sabeis que eu sou, uma pobre órfã, que perdeu sua mãe muito cedo e não conheceu a seu pai. Tenho vivido da compaixão alheia; não me queixo, mas sofro. Filha de duas raças inimigas, devia amar a ambas; entretanto minha mãe desgraçada fez-me odiar a uma, o desdém com que me tratam fez-me desprezar a outra. (ALENCAR, 2001, p. 189)

Apesar de ser tratada como sobrinha na família de brancos, ela sentia-se uma simples serva. A cor de sua pele também era motivo de revolta. “E eu daria a minha vida para ter a tua alvura, Cecília.” (ALENCAR, 2001, p. 49)

Interessante destacar que a mestiça não gostava de Peri, pois ela possuía sentimento de rejeição em relação a sua raça.

> A moça e o índio nem se olharam; odiavam-se mutuamente; era uma antipatia que começara desde o momento em que se viram, e que a cada dia aumentava. (ALENCAR, 2001, p. 75)

O final da personagem Isabel é trágico, pois ela comete suicídio.

O Guarani destaca o amor de Peri por Cecília, ou seja, retrata o amor de um índio por uma branca, mas também descreve o amor de uma mestiça – Isabel – por um homem branco. Eram amores impossíveis, tema típico do Romantismo.

Podemos dizer que Isabel é um personagem complexo e atual, pois ainda hoje, muitos brasileiros não reconhecem e sequer aceitam suas origens indígenas.

Importante destacar a afirmação de Munduruku (2017).

> Quando leem minha biografia, dizem que não sou mais índio, que já sou civilizado. Eu não sou índio e não existem índios no Brasil. Essa palavra não diz o que eu sou, diz o que as pessoas acham que eu sou. Essa palavra não revela minha identidade, revela a imagem que as pessoas têm e que muitas vezes é negativa. (NONADA, 2017)

A representação da mulher Isabel exposta por Alencar é apenas uma imagem que as pessoas pensam do que é ser uma mulher mestiça – a identidade e a sua representação são mais profundas, talvez pela complexidade do tema, o autor de O Guarani, se sentisse mais à vontade ao focar apenas na imagem

superficial da mulher, que teve uma aceitação até hoje, sendo, muitas vezes perniciosa para o entendimento do tema, no que tange ao papel da mulher mestiça na sociedade brasileira atualmente.

Munduruku (2017) explica que há dois conceitos no imaginário da sociedade brasileira: o olhar romântico do índio que vive no meio da floresta, e o aspecto ideológico que considera que os índios são preguiçosos e atrasam o progresso. Ele destaca que esse pensamento é resultado da ideia ocidental e colonizadora. Importante destacar que Daniel Munduruku é Doutor em Educação pela USP, Pós-Doutor em Literatura pela Universidade de São Carlos e autor de 52 livros.

> O branco precisa se convencer que ele é fruto de uma ancestralidade. Todo brasileiro traz consigo fagulhas mínimas que sejam, de ancestralidade, seja europeia, indígena ou africana. A ancestralidade está nele. E o brasileiro costuma negar isso, ele, às vezes, supervaloriza a ancestralidade europeia e desvaloriza as outras (…) das quais somos formados (…). O Brasil não se aceita, igual a um adolescente que está crescendo e não gosta das espinhas na cara (…). Então o brasileiro precisa aceitar essa herança genética, porque senão ele não se transforma naquilo que ele é. (NONADA, 2017).

O historiador e filósofo indígena Ailton Krenak (2019) destaca que se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos.

8. A REPRESENTAÇÃO DO ÍNDIO NO ENSINO ATUAL

Podemos iniciar este item discorrendo a respeito do que trata a Lei 9394/96. Nosso objetivo é refletir sobre como o índio é representado em nosso ensino atual.

O art. 26 da Seção I descreve que: Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§ 4º - O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africana e europeia.

Seção III, Art. 32. § 3º - O ensino fundamental será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.

Título VIII, Art. 78. O sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisas, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I – proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II – garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Art. 79 – A União apoiará técnicas e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§ 1º - Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§ 2º - Os programas a que se refere esse artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

- fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena,

- manter programas de formação pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas,

- desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades,

- elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

Podemos constatar que na teoria essa lei é perfeita, mas apesar disso, os povos indígenas continuam sendo desrespeitados, dizimados e desvalorizados pela sociedade.

De acordo com Almeida (2013), a historicidade do Brasil é descrita com base na chegada dos colonizadores no continente americano, desconsiderando a história e a realidade dos povos que habitavam no país.

Luciano (2006) destaca que ainda existe no Brasil a ideia generalizada e errada de que os povos indígenas não possuem nenhum tipo de educação. Interessante é que ao contrário do que muita gente pensa, os povos indígenas do Brasil continuam mantendo sua alteridade graças a estratégias próprias de vivência sociocultural, sendo a prática pedagógica uma delas.

Ainda segundo o autor, fica mais fácil entender o porquê das permanentes críticas dos povos indígenas aos processos pedagógicos adotados pela escola formal, resumidas nas seguintes questões:

> - o modelo de ensino das escolas indígenas reproduz o sistema escolar da sociedade nacional, - normalmente, as diretrizes, os objetivos, os currículos e os programas são inadequados à realidade das comunidades indígenas, - o material didático-pedagógico utilizado é insuficiente e inadequado, prejudicando as ações educativas, - não existe supervisão pedagógica adequada e eficaz nas escolas, - devido à barreira linguística, os professores encontram dificuldades no desenvolvimento de seus trabalhos didático-pedagógicos e, consequentemente, o processo de alfabetização é prejudicado. (LUCIANO, 2006, p. 136)

Conforme Luciano (2006) educação não é o mesmo que escola. É o processo através do qual toda pessoa aprende a viver. Essa aprendizagem se dá na família, na comunidade e no povo. Importante relatar que a escola não é o único lugar de aprendizado.

Destaca o estudioso que os povos indígenas ainda mantêm vivas as suas formas de educação tradicional. Ele também destaca que a escola foi um dos principais instrumentos usados durante a história do contato para descaracterizar e destruir as culturas indígenas; pois a educação escolar oferecida aos povos indígenas durante séculos sempre teve como objetivo a integração do índio à sociedade nacional, sem respeito às diferenças culturais e linguísticas. Foi sempre uma educação de branco, da cultura do branco para os

índios. Enfim, a escola era sempre o colonizador europeu ensinando o índio a ser e viver como branco.

Além das questões da educação indígena, temos a polêmica a respeito do marco temporal.

Conforme Guetta e Batista (2018) a teoria do “marco temporal” que vem sendo aplicada para anular demarcações de terras indígenas no Judiciário, mantém o histórico processo de violência e negação dos direitos territoriais indígenas.

Segundo essa tese, só poderia reivindicar direito sobre uma terra o povo indígena que já estivesse ocupando-a no momento da promulgação da Constituição Federal em 5 de outubro de 1988.

Os advogados Batista e Guetta (2018) destacam que o marco temporal é juridicamente questionável. Eles explicam que condicionar as demarcações à presença dos índios nas terras em data certa nega a histórica vulnerabilidade dos indígenas ante as violências que ocorreram no processo pós-colonial, a abertura das frentes de expansão pelo Brasil e as violações dos direitos durante o período da ditadura militar.

Temos mais uma questão a ser considerada de acordo com Guetta e Batista (2018): se a sobrevivência física e cultural dos indígenas depende de estarem na posse de suas terras tradicionais, anular os processos de demarcação com base no marco temporal, além de ser juridicamente questionável, tem como efeito direto, condenar os indígenas ao relento da assimilação forçada. É também negar o direito fundamental à identidade étnica, pois sem terras não há índios.

Para concluir este item podemos destacar o Historiador e Filósofo Indígena Ailton Krenak. Krenak (2018) afirma que as invasões nunca tiveram fim, pois até hoje os povos indígenas são invadidos. Ele destaca que os brancos chegaram ao Brasil com a má intenção de assaltar essa terra e escravizar o povo que vivia aqui. Durante muito mais de 100 anos, os índios socorreram brancos flagelados e doentes que chegaram ao Brasil, porém demorou algum tempo para os índios entenderem que os brancos eram invasores. A falsificação ideológica que sugere que nós temos paz é para nós continuarmos mantendo a coisa funcionando, mas até hoje vivemos em guerra, não existe paz. Os índios foram

escravizados à exaustão, foram mortos aos milhares, sendo explorados pelo trabalho escravo. Ele afirma que o povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos 8 milhões de km² do Brasil, pois a guerra é um estado permanente da relação entre os povos originários daqui que foram chamados de “os índios”, sem nenhuma trégua, até hoje.

9. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O tipo de pesquisa realizada foi bibliográfica, qualitativa, pois foi realizada a reflexão sobre obra “O Guarani” de José de Alencar. Esta pesquisa visa coletar as informações a partir de textos, livros, artigos e demais materiais de caráter científico. Ela é um método teórico focado em analisar os ângulos diferentes de um mesmo problema. Foram consultados diferentes autores com pontos de vistas diversos a respeito do mesmo tema. As fontes de pesquisa foram secundárias, pois o projeto trouxe informações já apresentadas em outros lugares.

O trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Praia; Cachapuz e Pérez (2002), fundamenta-se com base em material que já fora construído.

Conforme Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada:

> (...) a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32).

Para Gil (2002, p. 44), a pesquisa bibliográfica “(...) é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Nas palavras de Brandão (2001),

> A pesquisa qualitativa (…) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências no mundo social e como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhe dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa. (BRANDÃO, 2001, pg. 13).

É importante que o pesquisador organize através de fichas o material pesquisado, pois facilita a construção do projeto. A escolha das obras, artigos, revistas, teses, dissertações deve ser feita de forma metódica para embasar a pesquisa.

10. CONCLUSÃO

Como fora bem destacado nesta pesquisa, o Romantismo no Brasil surgiu após a proclamação da independência no país, no qual logo nasceu uma necessidade de criar uma cultura local. Visando isto, o Brasil passou a buscar uma identidade nacional para seu Estado. Convém ressaltar que esta tendência chegou para ressaltar os aspectos nacionais, cujo símbolo retratado foi o índio. Essa escolha tornou-se fundamental para o processo na busca da identidade nacional.

José de Alencar descreveu Peri como um forte guerreiro, herói, corajoso e bom líder na obra O Guarani. Descreveu uma idealização de indígena com características de homem civilizado europeu. Este nativo abandonou suas origens para viver um amor platônico pela mulher branca Cecília.

Desta forma, foi visando à figura do índio deste autor que este trabalho buscou analisar como Alencar construiu o herói da nação. Ele fez usos de adjetivos inspiradas nas novelas de cavalaria na criação do nativo, além de aproximá-lo do europeu tornando assim o índio um civilizado, sendo submisso ao colonizador.

Alencar trouxe em sua obra o engrandecimento da floresta ainda virgem, o culto, a religião dos selvagens e dos portugueses, mas com predominância da religião dos portugueses sobre os índios, assim como o amor platônico dos selvagens pelos europeus.

Em “O Guarani” pressupõe-se miscigenação das raças, pois Peri e Ceci são levados pelas águas do Rio Paraíba. Há o sacrifício dos índios sobre sua cultura e seu amor.

Alencar faz do índio um herói nacional exaltado em suas glórias e suas virtudes, como homem nobre.

Esta pesquisa possibilitou a conclusão de que a obra do autor José de Alencar apenas idealizou um índio romantizado sem levar em consideração as verdadeiras discussões sobre a identidade dos povos indígenas e seu papel romantizado. Esta abordagem ocultou problemas sociais que atualmente sentimos o reflexo, com o não reconhecimento do índio como um ser dotado de direitos e personalidades.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema “A Romantização do Índio na Obra “O Guarani” de José de Alencar é importante para que os alunos possam ter um novo entendimento sobre a origem das raízes do povo brasileiro. Também é relevante os estudantes conhecerem a abordagem idealizada do povo indígena durante o Romantismo.

Esta pesquisa expôs as características do Romantismo presentes na obra “O Guarani”, uma visão romantizada. A monografia identificou os atributos do índio no referido livro e também analisou as características do povo indígena de forma crítica na atualidade.

Esta monografia refletiu sobre a imagem de um índio cordial, mártir, honroso, forte guerreiro e amigo do colonizador. Virtudes idealizadas baseadas no homem branco europeu, as quais camuflaram e solidificaram uma visão romântica existente até hoje.

Também houve abordagem a respeito da mestiça Isabel, um personagem importante para entender o contexto da mulher nascida de um adultério entre um homem branco português e uma índia. Ela não se reconhecia como mestiça, negava suas origens indígenas e nutria o preconceito contra os próprios índios, portanto, viveu infeliz durante sua existência. Sua vida foi encerrada com uma tragédia – o suicídio.

Enfim, esta pesquisa pode ser aprimorada com inclusão de outros estudos a respeito do tema, pois é um assunto relevante, atual e polêmico. A obra “O Guarani” expôs assuntos relevantes para a época, mas ainda atuais. Ela trouxe os itens interessantes: filhos bastardos, preconceito racial, suicídio, amor platônico, herói idealizado, imposição da cultura do europeu, dito civilizado para

os povos que já habitavam a terra invadida, etc. São todos temas relevantes para serem analisados pela sociedade atual.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. M; PONTARA, M. **Literatura Brasileira – Tempos, Leitores e Leituras**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2005.

ALENCAR, José de. **O Guarani**. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ALMEIDA, Aline Alves de. **Estudo sobre a temática indígena na escola**: **Representações sociais dos alunos do 5º ano do ensino fundamental**. Orientadora: Professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira. 2013. 88 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Curso de Licenciatura em Pedagogia. Universidade de Brasília. 2013. Disponível em:<https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6197/1/2013_AlineAlvesDeAlmeida.pdf>. Acesso em 03 de junho de 2022.

ALVES, Lídia *et al*. **A Representação do Índio na obra *O Guarani*, de José de Alencar.** 2016. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/completo/A%20represesenta%E7%E3o%20do%20%EDndio%20-%20VANESSA.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2022.

BARBOSA, Frederico. **Literatura e Cultura Brasileira**. 01. Ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

BARRETO, *et al*. **Língua Portuguesa – Coleção Ser Protagonista**. 3. ed. São Paulo: SM, 2016.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 39. Ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRANDÃO, Z. **A dialética marco/micro na sociologia da educação**. 2001. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/>. Acesso em 04 de junho de 2022.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN. Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 04 de junho de 2022.

CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**. 12. Ed. São Paulo: FAPESP, Ouro sobre Azul, 2009.

CANDIDO, Antônio. **O Romantismo no Brasil**. 03. Ed. São Paulo: Humanitas FFLCH, 2012.

COSTA, Lucas. **A Representação da identidade nacional brasileira na obra "O Guarani".** 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/344107735_A_REPRESENTACAO_DA_IDENTIDADE_NACIONAL_BRASILEIRA_NA_OBRA_'O_GUARANI'> Acesso em: 21 de março de 2022.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil – Era Romântica**. Volume 03. 04. ed. São Paulo: Global Editora, 1997.

DIANA, Daniela. **Romantismo.** Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/romantismo/>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

FEITOZA, Sandreane Oliveira. **Os conflitos da personagem Isabel em O Guarani, de José de Alencar: mulher, mestiça e bastarda**. Orientadora: Professora Dra. Simone Cristina Mendonça. 2017. 61 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Campus Universitário de Marabá, Pará. 2017. Disponível em: <http://repositorio.unifesspa.edu.br/bitstream/123456789/597/1/TCC_Os%20conflitos%20da%20personagem%20Isabel.pdf> Acesso em 07 de maio de 2022.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

FORTES, Salinas Luiz Roberto. **Rousseau: o bom selvagem**. São Paulo: FTD, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa - Grande e Senzala.** 51. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

GOMES, Sandro. **Como o romantismo brasileiro criou a visão que ainda hoje temos do indígena**. 2019. Disponível em: <https://www.appai.org.br/como-o-romantismo-brasileiro-criou-a-visao-que-ainda-hoje-temos-do-indigena/>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 04. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUETTA, M., BATISTA, J.P. **O marco temporal e a reinvenção das formas de violação dos direitos indígenas**. 2018. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/O_marco_temporal_e_a_reinven%C3%A7%C3%A3o_das_formas_de_viola%C3%A7%C3%A3o_dos_direitos_ind%C3%ADgenas>. Acesso em: 02 de junho de 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 04.ed. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **GUERRAS do Brasil.doc**. Luiz Bolognesi. São Paulo. ANCINE, 2018.

LOPES, Marcílio. “**O Guarani” – Análise da obra de José de Alencar**. 2012. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/o-guarani-analise-da-obra-de-jose-de-alencar/>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Coleção Educação para todos. Ministério da Educação e Organização das Nações Unidas. Brasília. 2006. Disponível em <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf>. Acesso em 01 de junho de 2022.

MENDES, Lia. **A criação do Mito do herói indígena em "O Guarani"**. 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/86933/202031.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 de março de 2022.

NASCIMENTO, Marcela Silva do. **Indianismo.** 2012. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/indianismo/>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Brasileira através dos Textos**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

MUNDURUKU. **Eu não sou índio, não existem índios no Brasil**. 2017. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2017/11/daniel-munduruku-eu-nao-sou-indio-nao-existem-indios-no-brasil/>. Acesso em 03 de junho de 2022.

NONADA. **Daniel Munduruku: "Eu não sou índio, não existem índios no Brasil".** 2017. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2017/11/daniel-munduruku-eu-nao-sou-indio-nao-existem-indios-no-brasil/>. Acesso em 03 de junho de 2022.

OLIVEIRA, *et al*. **As Pesquisas Qualitativas e Quantitativas na Educação**. 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/>. Acesso em 04 de junho de 2022.

PRAIA, J. F; CACHAPUZ, A. F. C; PÉREZ, D. G. **Problema, teoria e observação em ciência: para uma reorientação epistemológica da educação em ciência;** Ciência & Educação. v.8, nº1, p.127 – 145, 2002.

SILVA, Nayane. **O índio no Romantismo Brasileiro: Uma análise O Guarani, de José de Alencar, e I-Juca Pirama, de Gonçalves Dias.** 2018. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/2115/1/NayaneSilva.pdf. > Acesso em: 21 de março de 2022.

SCHOEN, M. Teresa. **O Guarani, de José de Alencar: Uma história de amor e a construção de uma nação.** 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/27583535-O-guarani-de-jose-de-alencar-uma-historia-de-amor-e-a-construcao-de-uma-nacao.html>. Acesso em: 21 de março de 2022.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira**. 01. Ed. São Paulo: Letras & Letras, 1998.